



CLÁUDIA PEREIRA

Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-graduação em Antropologia pela UNB. Em 1981, associou-se à Candango Promoções Artísticas através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que este ano comemora 22 anos criando campanhas publicitárias premiadas e consolidando marcas fortes.

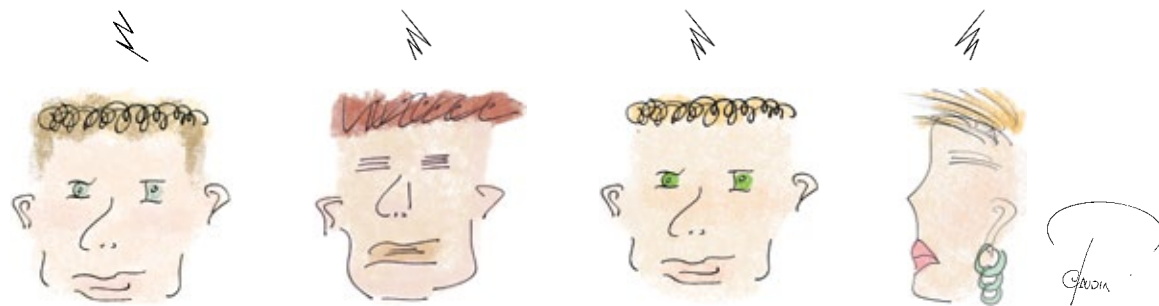
cpereira@brasiliaemdia.com.br

PASSADOS DOIS MESES DAS MANIFESTAÇÕES QUE LEVARAM OS JOVENS BRASILEIROS ÀS RUAS, OS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO SE DISPUSERAM A UM DEBATE MAIS PROFUNDO SOBRE OS FATOS.

O JORNAL VALOR ECONÔMICO REUNIU OS PROFESSORES PARA UMA MESA-REDONDA SOBRE AS MANIFESTAÇÕES.

A REVISTA CULT PROMOVEU UM DEBATE COM OS REPRESENTANTES DOS COLETIVOS E MOVIMENTOS PASSE LIVRE, MILITANTE AUTÔNOMO, ROMPENDO AS AMARRAS E PARA TODOS.

PARA TENTAR ENTENDER AS RAÍZES PROVÁVEIS DESSAS MANIFESTAÇÕES, TRANSCREVO ALGUMAS IDEIAS QUE ESTARÃO NA PÁUTA DAS ELEIÇÕES DE 2014.



(Fontes: Jornal Valor Econômico, caderno Eu & Fim de Semana, 9, 10, 11 de agosto de 2013; revista Cult 182, agosto de 2013.)

18 BRUMÁRIO Dizem que analisar os fatos no calor dos acontecimentos é tarefa inglória. Por isso mesmo, poucos teóricos ousam tal desafio, temendo incorrer em erros históricos. Karl Marx, talvez, tenha sido um dos poucos a fazer uma análise concreta do golpe de estado de Luís Bonaparte, no calor dos acontecimentos. No prefácio do livro, O 18 Brumário de Luís Bonaparte, Marx assinala: “(...) a luta de classes criou na França as circunstâncias e as condições que permitiram a um personagem mediocre e grotesco representar o papel de herói”.

DOIS MOTIVOS Relembro este episódio por dois motivos. Primeiro, porque a insatisfação social pode levar ao poder personagens arrivistas e desqualificados. Segundo, porque, passados dois meses das manifestações que levaram os jovens brasileiros às ruas e praças nacionais, poucas análises de conteúdo foram realizadas e poucas interpretações dos fatos foram desenvolvidas. Apesar dos seus impactos na vida política e da mídia farta sobre o assunto, só agora os veículos de comunicação se dispuseram a trazer cientistas políticos, pensadores e comunicadores para um debate mais profundo sobre os fatos.

IDEIAS DEPOIS DE JUNHO O jornal Valor Econômico reuniu os professores de ciências políticas José Álvaro Moisés (USP) e Jairo Nicolau (UFRJ), o professor de comunicação e jornalismo Eugênio Bucci (USP) e Bruno Torturra, cofundador do Coletivo Mídia Ninja, para uma mesa-redonda sobre as manifestações. A revista Cult promoveu um debate com os representantes dos coletivos e movimentos Passe Livre, Militante Autônomo, Rompendo as Amarras e Para Todos. Para tentar entender as raízes e os desdobramentos prováveis dessas manifestações transcrevo abaixo algumas ideias que certamente estarão na pauta das eleições de 2014.

MAYARA VIVIAN, DO MOVIMENTO PASSE LIVRE “O segundo maior gasto da família brasileira é com o transporte. Primeiro, vem moradia e, depois, o transporte. Nas cidades cada vez maiores, se você não tem transporte, você não tem nada. Se não consegue chegar à escola, você não estuda; se não consegue chegar ao posto médico, deixa de pegar a medicação ou ir à consulta. O próprio exercício da vida passa pela circulação e essa circulação tem uma catraca que vai rodando e tirando o seu dinheiro”.

PAULO HENRIQUE DE OLIVEIRA, DO COLETIVO ROMPENDO AS AMARRAS “O que estamos discutindo aqui é uma realidade excludente para a maioria das pessoas que vivem em quaisquer cidades do Brasil (...) todos os dias, políticos das mais diferentes correntes ideológicas que, no fundo, são as mesmas do capital, do banqueiro, da máfia do transporte, continuam roubando e continuam dizendo para nós: “vamos construir trem e metrô”. Isso serve de propaganda, mas o transporte é um direito, um dever do Estado”.

JOSÉ ÁLVARO MOISÉS, PROFESSOR DE CIÊNCIAS POLÍTICAS DA USP “Esses movimentos trouxeram uma variável que estava fora do debate: a cultura política. Os movimentos foram resultado da democracia e ao mesmo tempo reivindicam mais democracia. Muitos jovens nasceram na democracia mas têm um mal-estar com o funcionamento das instituições. O modelo de representação vem dos anos 30. Da maneira como vem funcionando, levou ao esvaziamento dos partidos e do parlamento. A percepção disso pelos jovens levou a uma forma nova de participar”.

BRUNO TORTURRA, COFUNDADOR DO COLETIVO MÍDIA NINJA “O Brasil vem acumulando pequenas manifestações há alguns anos. Isso explodiu em junho. É inevitável que o jeito de fazer política seja transformado, mas não me arrisco a dizer como (...) quem tomou posição mais clara tende a crescer, como a Rede, da Marina Silva, porque ela tem um discurso oriundo do ativismo, uma crítica ao funcionamento dos partidos e está fazendo algo que tende a ganhar espaço: candidaturas autônomas”.

EUGÊNIO BUCCI, PROFESSOR DE COMUNICAÇÃO E JORNALISMO DA USP “As pessoas foram às ruas porque queriam experimentar um sentimento de pertencimento. É uma integração da sociedade que vem diretamente do mundo, numa era transnacional de protestos (...) a política é indispensável, mas ela precisa renovar seus procedimentos. Precisa ser capaz de escutar. O Papa, por exemplo, teve mais abertura para o contato com as pessoas e disse uma palavra que o mundo político no Brasil não entende: diálogo”.

JAIRO NICOLAU, PROFESSOR DE CIÊNCIAS POLÍTICAS DA UFRJ “O Congresso, o presidencialismo de coalizão, tudo vai ser avaliado. Podemos supor que esses jovens que estão pensando a política pela primeira vez não se comportarão homogeneamente. Mas será uma surpresa se as eleições do ano que vem gerarem um Congresso parecido com o atual (...) um tema fundamental é a relação dos movimentos com a democracia representativa tradicional. Haja visto a invasão da Câmara Legislativa do Rio e do Congresso Nacional (...) Esta onda tem um componente decisivo, que estava adormecido na democracia brasileira: a participação (...) No ano que vem, os movimentos vão ter que se posicionar em relação às eleições. Ficarei preocupado se começar uma onda a favor do voto nulo”.